

Tempos Líquidos

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MÁRCIO PEREIRA BASÍLIO*

Resumo

Esta resenha tem por objetivo fazer emergir as principais ideias de Zygmunt Bauman em *Tempos líquidos*. Neste sentido, o assunto primordial que permeia a obra é a insegurança. Um fenômeno resultante da “vontade de liberdade”, uma marca, segundo o autor, da pós-modernidade, princípio que se opõe diretamente à projeção em torno de uma vida social estável, na ordem moderna. Em um mundo globalizado, a sociedade não é mais protegida pelo Estado, ou pelo menos é pouco provável que confie na proteção oferecida por este. Ela agora está exposta à rapacidade de forças que não controla e não espera, nem pretende, recapturar e dominar. Assim sendo, a obra em análise contribui para o entendimento e compreensão dos fenômenos sociais que nos cercam, e indica como interagir de modo adequado e com efeitos previsíveis.

Palavras-chave: Insegurança. Globalização. Estado-Nação.

* Mestre em Administração Pública – Ebape/FGV. Professor da Escola Superior de Polícia Militar do Rio de Janeiro.

O autor é um sociólogo polonês, de descendência judaica, nascido em 1925, em Pozna. Quando a Polônia foi invadida pelo nazismo em 1939, sua família refugiou-se na União Soviética. Bauman serviu na Polish First Army, sob o controle dos soviéticos. Neste período, tomou parte nas batalhas de Kolberg e Berlin. De 1945 a 1953, Bauman passou a servir na Korpus Bezpieczestwa Wewnrznego (KBW), a unidade foi responsável pela repressão à resistência ucraniana e germânica. Neste momento de incertezas, iniciou seus estudos em sociologia na universidade de Varsóvia, onde teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da universidade. Logo em seguida emigrou da Polônia, reconstruindo sua carreira no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular da universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual, recebeu os prêmios Amalfi, em 1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto* e *Adorno*, em 1998, pelo conjunto de sua obra. Atualmente é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Bauman é um sociólogo atual, que transmite sua percepção do mundo sem saudosismo. Neste sentido, em suas últimas obras tem empregado o termo “liquefação” ou “fluidez” como uma metáfora adequada para expressar o dinamismo do processo de transição entre a modernidade e a fase atual, que o próprio Bauman prefere compreender como uma pós-modernidade. A famosa frase sobre “derreter os sólidos”, cunhada há um século e meio pelos autores do Manifesto Comunista, referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições. Isso só poderia ocorrer dissolvendo-se o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo. Desta forma, essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do

passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição”; clamava pelo aniquilamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”. Todavia, “o derretimento dos sólidos” abriu caminho para novos e aperfeiçoados sólidos (2001, p. 9). Os primeiros sólidos a derreter foram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações. Esta forma de derretimento fragilizou a complexa rede de relações sociais, tornando-a impotente para resistir aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios. Este desvio permitiu a invasão e a dominação da racionalidade instrumental, ou para o papel determinante da economia. O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro. Os sólidos que estão para ser lançado no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluída, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. A apresentação do membro como indivíduo é a marca da sociedade moderna, em detrimento da “fábrica fordista”, símbolo da modernidade oriunda do derretimento dos primeiros sólidos. A qual apesar dos conflitos internos, era um sinônimo de segurança para o indivíduo. A “vontade de liberdade”, para Bauman é o esteio da modernidade líquida, que se opõe à segurança construída em torno de uma vida social estável, na ordem moderna.

Em tempos líquidos¹, logo na introdução, Bauman aponta cinco pontos de partida para nossa reflexão a respeito dos desafios impostos ao indivíduo na era presente. Em primeiro lugar, a passagem do estado “sólido” para o “líquido” da modernidade imprimiu as organizações

1 BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Times**: living in an age of uncertainty. Cambridge: Polity Press, 2007. (ISBN 978-85-7110-993-3)

sociais - as quais limitavam as escolhas individuais, instituições que asseguravam a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável - a obsolescência. Desta forma, incapacitando-a como parâmetro para condução dos projetos de vida individual. Em segundo lugar, a separação e o iminente divórcio entre o poder e a política. Sendo assim, grande parte do poder de agir efetivamente, antes disponível ao Estado moderno, agora se afasta na direção de um espaço global. O que o incapacita a operar efetivamente na direção planetária, já que permanece local. Em terceiro lugar, os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos, se tornam cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários. A sociedade é cada vez mais percebida e tratada como uma “rede” do que uma “estrutura”: ela é compreendida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis. Em quarto lugar, o colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência, leva a um desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de sequências aos quais conceitos como “desenvolvimento”, “maturação” ou “progresso” poderiam ser significativamente aplicados. E por fim, em quinto lugar, a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos – dos quais se espera que sejam *free-choosers* e suportem plenamente as consequências de suas escolhas.

O conceito recorrente, que permeia *Tempos Líquidos* é o da insegurança existencial. Sendo assim, cabe aqui fazermos uma inferência a respeito do termo. A insegurança apontada por Bauman tem sua origem na

desregulamentação, no enfraquecimento das relações humanas, na busca do esclarecimento por meio da liberdade. Contudo, outro ramo proveniente deste termo que está ligado à violência urbana, em alguns trechos mencionados pelo autor, não reflete a expressão real do medo. Todavia, este também é um efeito da atualidade, que sinaliza com a liberdade de escolha, a qual a massa desprovida de recursos não tem acesso, causando com isso uma tensão entre os que podem desfrutar desta liberdade e os estranhos das grandes metrópoles. Esta tensão gera a incerteza e aumenta os riscos da vida individual.

No primeiro capítulo – “A vida líquido-moderna e seus medos” – Bauman salienta que:

se a idéia de ‘sociedade aberta’ era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente. (2007, p. 13)

“(…) a nova ordem, como no derretimento dos primeiros sólidos, necessita derribar qualquer resistência que impeça o seu avanço”. Sendo assim, “as pressões voltadas à perfuração e à quebra de fronteiras, comumente chamadas de ‘globalização’, fizeram seu trabalho.” (2007, p. 12). Num planeta aberto à livre circulação de capital e mercadorias, o que acontece em determinado lugar tem um peso sobre a forma como as pessoas de todos os outros lugares vivem, esperam ou supõem viver. Bauman afirma que nada pode ser considerado com certeza num “lado de fora” material. O bem-estar de um lugar, qualquer que seja, nunca é inocente em relação à miséria de outro. Pode-se inferir que tal vulnerabilidade produz a sensação de insegurança e de medo no indivíduo pós-moderno. Contudo, segundo Bauman “grande parte do capital comercial pode ser –

Sociologias, Porto Alegre, ano 12, nº 23, jan./abr. 2010, p. 438-449

e é acumulada a partir da insegurança e do medo” (2007, p. 18). Talvez estejamos diante de um enorme e resistente sólido – a ordem econômica – a qual, se assim podemos dizer, se realimenta da própria insegurança e do medo. Bauman aponta ainda para a liquefação do Estado-nação, face a sua incapacidade responder localmente aos estímulos globais. Segundo o autor, num planeta atravessado por “auto-estradas da informação”, nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do “lado de fora”. A sociedade não é mais protegida pelo Estado, ou pelo menos é pouco provável que confie na proteção oferecida por este. Ela agora está exposta à capacidade de forças que não controla e não espera, nem pretende, recapturar e dominar. “Aberto” e cada vez mais indefeso de ambos os lados, o Estado-nação perde sua força, que agora se evapora no espaço global, assim como a sagacidade e a destreza políticas, cada vez mais relegadas à esfera da “vida política” individual e “subsidiadas” a homens e mulheres. O que resta de política a cargo do Estado e de seus órgãos se reduz gradualmente a um volume talvez suficiente para guarnecer pouco mais que uma grande delegacia de polícia. Segundo o autor, o Estado reduzido dificilmente poderia conseguir ser mais que um Estado da proteção pessoal. Bauman afirma que num planeta negativamente globalizado, todos os principais problemas são globais e, sendo assim, não admitem soluções locais. Um mundo saturado de injustiças e habitado por bilhões de pessoas a quem se negou a dignidade humana vai corromper inevitavelmente os próprios valores que os indivíduos deveriam defender. Desta forma, a democracia e a liberdade não podem mais estar plena e verdadeiramente seguras num único país, ou mesmo num grupo de países. Sendo assim, o autor assevera que o medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Contudo, é a insegurança do presente e a incerteza do futuro, adverte o autor, que

produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência individual.

No segundo capítulo intitulado “A humanidade em movimento”, o autor retrata as conseqüências da globalização, do enfraquecimento da soberania do Estado-Nação, quando aborda a questão do aumento de refugiados em diversas áreas do globo. O autor assevera que a única indústria que floresce nas terras dos retardatários – conhecidas pelo apelido tortuoso e frequentemente enganoso, de “países em desenvolvimento” – seja a produção em massa de refugiados. Neste sentido, o número de vítimas da globalização sem teto e sem Estado cresce rápido demais para o planejamento, a instalação e a construção de zonas que possam conter esses refugiados. Bauman aponta a desregulamentação das guerras como um grande efeito da globalização, que em grande medida contribui diretamente para o aumento destes refugiados. O autor descreve que tornar-se um refugiado significa perder os meios em que se baseia a existência social, ou seja, um conjunto de coisas e pessoas comuns que têm significados – terra, casa, aldeia, cidade, país, posses, empregos e outros pontos de referência cotidianos. Essas criaturas à deriva e à espera não têm coisa alguma senão sua “vida indefesa, cuja continuação depende da ajuda humanitária”. Outro ponto preocupante relacionado a esta questão, se refere à absorção de parte destes excedentes populacionais pelas guerrilhas, gangues de criminosos e traficantes de drogas, que em seus conflitos aniquilam e reabsorvem o “excedente populacional”. A partir de suas inferências o autor recorrer a Wacquant (2001) para asseverar que a missão do Estado está sendo redefinida; este recua na arena econômica, alegando a necessidade de reduzir seu papel social à ampliação e ao reforço de sua intervenção penal. Um reflexo desta mudança pode ser observado no tratamento que alguns países adotam em relação aos

Sociologias, Porto Alegre, ano 12, nº 23, jan./abr. 2010, p. 438-449

estrangeiros, permitem a saída, mas “protegem contra o ingresso indesejado de unidades do outro lado”, isto é o que o autor denominou de “membranas assimétricas”.

No terceiro capítulo, Bauman aponta três possíveis causas para o sofrimento humano: a primeira está relacionada ao poder superior da natureza; a segunda diz respeito à fragilidade de nossos corpos; contudo, a terceira causa se relaciona intimamente a questão central desta obra e emerge da inadequação dos regulamentos que ajustam as relações dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Castel (2003) chegou à conclusão semelhante, depois de descobrir que a insegurança moderna não deriva de uma carência de proteção, mas sim da “falta de clareza de seu escopo”. Bauman cita Castel, que “atribuí à individualização moderna a responsabilidade por esse estado de coisas; sugere que a sociedade moderna, tendo substituído as comunidades e corporações estreitamente entrelaçadas, que no passado definiam as regras de proteção e monitoravam sua aplicação, pelo dever individual do interesse, do esforço pessoal e da auto-ajuda, tem vivido sobre a areia movediça da contingência” (2007, p. 63). Segundo Bauman, a segurança das pessoas e a proteção de suas propriedades são condições indispensáveis para a capacidade de lutar efetivamente pelo direito à participação política, mas não podem se estabelecer de forma definitiva nem serem adotadas com confiança, a menos que a forma das leis impostas a todos tenha se tornado dependente de seus beneficiários. Contudo, devemos fazer uma ressalva: se os direitos políticos podem ser usados para enraizar e solidificar as liberdades pessoais assentados no poder econômico, dificilmente garantirão liberdades pessoais aos despossuídos, que não têm direito aos recursos sem os quais a liberdade pessoal não pode ser obtida nem, na prática, desfrutada – deixada à sua própria lógica de desenvolvimento, a “democracia” poderia continuar sendo não apenas na prática, mas também de

modo formal e explícito, um assunto essencialmente elitista -, sem direitos políticos, as pessoas não podem ter confiança em seus direitos pessoais; mas sem direitos sociais, os direitos políticos continuarão sendo um sonho inatingível, uma ficção inútil ou uma piada cruel para grande parte daqueles a quem eles foram concedidos pela letra da lei. Assim sendo, “a liberdade de escolha é acompanhada de imensos e incontáveis riscos de fracasso” (2007, p. 71).

No quarto capítulo o autor trata da dicotomia social vivida nas grandes cidades. Segundo Castells (1989) há uma crescente polarização e uma distância cada vez maior entre os mundos das duas categorias em que se dividem os habitantes: o espaço da camada superior geralmente está conectado à comunicação global e a uma vasta rede de intercâmbio, aberta a mensagens e experiências que envolvem o mundo inteiro. Na outra extremidade do espectro, redes locais segmentadas, frequentemente de base étnica, recorrem a sua identidade como o recurso mais valioso para defender seus interesses e, em última instância, sua existência. Desta forma, as pessoas da “camada superior” não pertencem ao lugar que habitam, pois suas preocupações estão em outro lugar. Segundo Bauman, além de ficarem sozinhas, e, portanto livres para se dedicarem totalmente a seus passatempos, e terem os serviços indispensáveis a seu conforto diário assegurados, elas não têm outros interesses investidos na cidade em que se localizam suas residências. Por outro lado, o mundo em que vive a outra camada de moradores da cidade, a camada “inferior”, é o exato oposto da primeira. “Os cidadãos urbanos da camada inferior são ‘condenados a permanecer locais’. Para eles, é dentro da cidade que habitam que a batalha pela sobrevivência, e por um lugar decente no mundo, é lançada, travada e por vezes vencida, mas na maioria das vezes perdida.” (2007, p. 81). Pois, como afirma Bauman, qualquer um que tenha condições adquire uma residência num “condomínio”, planejado para

ser uma habitação isolada, fisicamente dentro da cidade, mas social e espiritualmente fora dela. O traço mais proeminente do condomínio é seu isolamento e distância da cidade. Isolamento significa a separação daqueles considerados socialmente inferiores. As cercas têm dois lados. Elas dividem em “dentro” e “fora” um espaço que seria uniforme. Desta forma, as cidades, originalmente construídas para fornecer proteção a todos os seus habitantes, hoje se associam com mais frequência ao perigo do que à segurança. O processo de individualização da modernidade líquida nos confronta diariamente com outros indivíduos (estranhos) dos quais podemos, no máximo, supor, embora nunca se tenha certeza de haver captado suas reais intenções.

Finalizando a obra, o autor trata da utopia em face da incerteza do mundo contemporâneo. Viver em um mundo incerto com a esperança de dias mais equilibrados é necessário para o progresso. Bauman cita Anotele France, que afirma que: “sem as utopias de outras épocas, os homens ainda viveriam em cavernas, miseráveis e nus. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade... Sonhos generosos geram realidades benéficas. A utopia é o princípio de todo progresso, e o ensaio de um futuro melhor” (2007, p. 102). Para nascer, o sonho dos utopistas necessitava de duas condições. Primeiro, um sentimento irresistível de que o mundo não estava funcionando de maneira adequada e de que era improvável consertá-lo sem uma revisão completa. Segundo, a confiança na capacidade humana de realizar essa tarefa, a crença de que “nós, humanos, podemos fazê-lo”, armados como estamos da razão capaz de verificar o que está errado no mundo e descobrir o que usar para substituir suas partes doentes, assim como da capacidade de construir as armas e ferramentas necessárias para enxertar esses projetos na realidade humana. Neste sentido, o autor apresenta três metáforas, diferentes entre si, mas relacionadas ao modo de interagir com o mundo vivido. A primeira

diz respeito ao guarda-caça, que tem por princípio defender a terra sob sua guarda contra toda interferência humana, a fim de proteger e preservar. A segunda é a do jardineiro, o qual presume que não haveria nenhuma espécie de ordem no mundo, não fosse por sua atenção e esforços constantes. Essas duas metáforas tipificam a autoridade investida aos Estados-Nações. A terceira metáfora é a do caçador, o qual não dá a menor importância ao “equilíbrio” geral “das coisas”, seja ele “natural” ou planejado e maquinado. A única tarefa que os caçadores buscam é outra “matança”, suficientemente grande para encher totalmente suas bolsas. Esses são produtos da globalização e do enfraquecimento do Estado-Nação. Contudo, nem todos podem tornar-se caçadores, somente os mais abastados.

Acredito que os aspectos apresentados por Bauman nessa obra sejam relevantes para as ciências sociais. Pois apresenta elementos que podem inflamar a reflexão sobre a possibilidade de sobrevivência da ideia de Estado-Nação em um mundo globalizado.

Liquid Times

Abstract

This review intends to identify the main ideas of Zygmunt Bauman's *Liquid Times*. In this sense, the key issue that permeates the work is uncertainty. A phenomenon that results from the “desire for freedom” – which is a sign of the postmodernity, in the words of the author – that principle is directly opposed to that which is based on a stable social life, in the modern world. In a globalized world, society is no longer protected by the State, or at least it is unlikely to trust the protection on offer; it is now exposed to the rapacity of forces it does not control and no longer hopes or intends to recapture and subdue. Thus, the book under review contributes both to the understanding and comprehension of the social phenomena that surrounds us, and to an appropriate interaction, with predictable effects.

Keywords: Uncertainty. Globalization. Nation-state.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CASTEL, Robert. **L'Insécurité sociale**. Qu'est-ce qu'ête protege? Paris: Seuil, 2003.

CASTELLS, Manuel. **The informational city**. Blackwell, 1989.

WACQUANT, Loïc. **Symbale fatale**. Quand ghetto et prison se ressemblent et s'assemble. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, set. 2001.

Recebido: 09/05/2008

Aceite final: 01/09/2008